



ISSN: 1981-0601
V. 14, N. Especial (2021)



Recebido em: 02.07.2021 Aprovado em: 15.08.2021 Publicado em: 31.12.2021
DOI: 10.18554/it.v14iEspecial.5663

DE VIRGÍLIO AO APÓSTOLO PAULO: SANTO AGOSTINHO E A GRAMÁTICA “CRISTÃ”

FROM VIRGIL TO PAUL THE APOSTLE: SAINT AUGUSTINE AND THE ‘CHRISTIAN’ GRAMMAR

Fernando Freitas¹
Fábio Fortes²

RESUMO: A obra de Agostinho representa um ponto de inflexão entre a tradição literária clássica e a emergência de um novo cânone cristão. Os signos do embate entre esses dois universos aparecem em várias obras deste filósofo, mantendo relações próximas com o seu pensamento sobre a linguagem. Neste artigo, temos como objetivo analisar como o embate entre a tradição literária clássica e os fundamentos filosóficos de uma doutrina cristã se apresenta no tratado gramatical escolar conhecido como *Ars breuiata* de Agostinho. Para isso, propomos um exame do lugar e da importância das citações literárias clássicas e cristãs nesse texto gramatical, bem como avaliar a sua ressonância em outras obras *corpus Augustinianum*.

PALAVRAS-CHAVE: *Agostinho; gramática latina; exempla; Cristianismo.*

ABSTRACT: Augustine's work represents a turning point between the Classical literary tradition and the emergence of a new Christian canon. The signs of the clash between these two universes appear in several works by this philosopher, keeping strict proximity with his thinking concerning language. This article aims at analysing how the clash between the Classical literary tradition and the philosophical foundations for a Christian Doctrine is reflected in the scholar grammatical treatise known as Augustine's *Ars breuiata*. In order to do so, an examination of the place and importance of Classical and Christian literary quotations in this grammatical text is proposed, as well as an assessment of their resonance in other works of the *corpus Augustinianum*.

KEYWORDS: *Augustine; Latin grammar; exempla; Christianity.*

¹ Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: fernandosafreitas@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7089-9061>

² Universidade Federal de Juiz de Fora. E-mail: fabiosfortes@yahoo.com.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4411-7115>

Introdução³

*a filosofia é mais bela que Tisbe, que Príamo, mais que Vênus e Cupido e outros amores semelhantes.*⁴

(AGOSTINHO, ord., I, viii, 21).

A comparação entre a filosofia e a poesia – aqui representada pela citação das personagens literárias nesse excerto do *De ordine* – ressalta a preferência de Agostinho de Hipona, campo dos estudos filosóficos, sugerindo que a poesia deveria ocupar um segundo plano das ocupações intelectuais humanas. Por um lado, essa preferência poderia ser explicada pela tese defendida, por exemplo, por Mastrangelo (2009), que destacava um “declínio da poesia no quarto século no ocidente” ao argumentar que “a poesia era secundária ao gênero da prosa”, que se consagrava cada vez mais, em certo grau pelo próprio advento da literatura Patrística.⁵ Por outro lado, a mudança do *status* conferido à poesia na obra de Agostinho, poderia também ser respondida pela resignificação do papel de gramático que Agostinho propõe em sua obra, pois, como defende McLuhan (2012, p. 94), “Santo Agostinho é o gramático instruído, e nele a *poetarum enarratio* de Quintiliano se torna a *psalmorum enarratio*.” Nesse sentido, não se trataria apenas de uma oposição entre prosa e poesia, mas também uma clara predileção por outros temas do discurso que não aqueles calcados em uma tradição de estudos da literatura latina clássica.

Neste artigo, temos por objetivo analisar como esse embate entre a tradição literária clássica e os fundamentos filosóficos de uma doutrina cristã se configura no texto da *Ars breuiata*⁶ de

³ Este trabalho deriva de uma parte da pesquisa de Mestrado (2016), desenvolvida no PPG-Linguística/UFJF, que culminou na dissertação: “O pensamento gramatical de Santo Agostinho”. Agradecemos à CAPES (código 001) pelo financiamento do projeto.

⁴ Cf. *Pulchrior est philosophia, fateor, quam Thysbe, quam Pyramus, quam illa Venus et Cupido, talesque omnimodi amores*. Tradução de Belmonte (2008, p. 179-180). Todos os textos latinos são retirados do volume *Agostino Tutti i dialoghi* editado por G. Catapano (2008 [2006]). Nesse sentido, as edições dos textos latinos são as mesmas contidas nesse volume. Para uniformização, utilizamos abreviações e forma de referência aos textos de Agostinho como a que se encontra em Catapano (2008 [2006]).

⁵ Conte (1999, p. 621): “Se o terceiro século marcou um dos períodos mais difíceis para os Romanos, o quarto século testemunhou um impressionante renascimento [...] um florescimento literário que é um dos mais impressionantes na história de Roma.” [Cf. “The great cultural Renaissance. If the third century marked one of the most difficult periods for Latin culture, the fourth witnesses an impressive revival [...] a literary flourishing that is one of the most impressive in the history of Rome.”]. Todas as traduções são de nossa autoria, salvo aquelas mencionadas em nota.

⁶ O debate com relação ao texto gramatical compilado por Agostinho inicia-se com as próprias observações do já então bispo de Hipona ao mencionar em sua obra *Retractationes* (I, 6) que havia escrito um *De grammatica*, entretanto, tal obra havia se perdido em sua biblioteca. No excerto temos: “Durante o mesmo tempo em que estive em Milão para receber o batismo, também tentei escrever livros sobre as disciplinas... Porém, daqueles, somente, pude terminar o livro *De grammatica* (Sobre a gramática), que, depois, perdi dentro da nossa biblioteca; e o *De musica* (Sobre a música) em seis volumes...” [Cf. *Per idem tempus quo Mediolani fui baptismum percepturus, etiam Disciplinarum libros conatus sum scribere... Sed earum solum De Grammatica librum absolvere potui, quem postea de armario nostro perdidit; et De*

Agostinho, através de um exame do lugar e da importância das citações literárias clássicas e cristãs nesse texto gramatical, bem como elas ressoam lugares comuns presentes em outras obras do *corpus Augustinianum*.

1 Agostinho e a gramática entre dois mundos

Ao Agostinho filósofo se associa também o gramático. De fato, em muitas de suas obras, o pensador cristão revela um conhecimento aprofundado da gramática latina, mostrando-se um conhecedor das *partes orationis* (partes da oração) e dos *vitia orationis* (vícios da oração/discurso). No diálogo *De magistro* (I, ii, 3), por exemplo, Agostinho cita o verso 659 do canto II da *Eneida* para fazer uma análise do tipo gramatical, com seu interlocutor e discípulo Adeodato. O mestre interroga: “Quantas palavras estão neste verso: ‘*Si nihil ex tanta superis placet urbe relinque?*’ [“Se os imortais decidiram que nada de Troia perdue?”]”. Adeodato responde: “Oito.” A partir desse método, que evoca a prática já contida na *Ars Minor* de Donato, do ensino por meio de perguntas e respostas, Agostinho discute sobre as noções de cada uma das partes da oração, que são debatidas ao longo de todo o diálogo. Do mesmo modo, a discussão sobre a *Latinitas* (a “norma” linguística) e de suas virtudes e vícios também não é exclusiva do seu texto gramatical, sendo retomada, por diferentes ângulos, em obras tão diversas quanto o *De doctrina Christiana* e o *De ordine* e as *Confissões*⁷. Além disso, Agostinho se tornara em certa época de sua biografia um dos doutores da Igreja, portanto, não era somente um pregador das *Escrituras*, mas uma autoridade reconhecida em sua interpretação. Por essa razão, é razoável admitir que, na sua tarefa exegética, Agostinho precisasse lançar mão muitas vezes dos instrumentos de interpretação conhecidos, isto é, dos instrumentos gramaticais. Em que pese isso, seus comentários e interpretações de passagens da *Bíblia* não raro revelam alusões diretas e indiretas à literatura clássica “pagã”.

Na *Ars breuiata*, por exemplo, que pode ser compreendida como seu manual de gramática escolar, e que, por essa razão, deveria ocupar um papel propedêutico à leitura de textos, encontramos mais exemplos de Virgílio do que dos textos da *Bíblia*⁸. Como compreender que isso

Musica sex volumina...]. Até o debate ter sido convincentemente estabelecido pelo trabalho de Law (1984), bem como pela recente edição de G. Bonnet (2013 – Les Belles Lettres), o tópico sempre esteve em aberto. Diante, portanto, das considerações filológicas presentes em Law e Bonnet, adotamos como título para a obra e também para o conteúdo presente nesse texto gramatical a convenção *Ars (Augustini pro fratrum mediocritate) breuiata*.

⁷ Cf. *Ars br.* (I, 98-99 – solecismo; I, 100-102 – barbarismo); *ord.* (II, xvii, 45 - solecismo e barbarismo); *De doctrina Christiana* (II, 44 - solecismo; II, 45 - barbarismo) e *Conf.* (I, 18, 28 - barbarismo e solecismo).

⁸ Conforme veremos abaixo, os *exempla* em questão são: um da *I Epístola de Paulo aos Coríntios* (I Cor 13, 13) e quatro da *Eneida* (I, 96-97; I, 750; I, 753; XI, 459-460).

se dê na obra de Agostinho? Não se pode interpretar essa característica particular da obra de Agostinho sem avaliarmos o contexto e a forma como esses *exempla* aparecem e são aproveitados nesse tratado gramatical em particular. Antes disso, porém, é fundamental que compreendamos também o lugar dos *exempla* no gênero das *artes grammaticae*.

Conforme sabemos, a vinculação entre gramática e poesia, em Roma, é bastante antiga, sendo definidora do próprio discurso gramatical. Essa relação já era identificada no relato que Suetônio faz dos primeiros gramáticos romanos (*De gram.*, I, 1-2), em que já se destacava que os primeiros gramáticos latinos teriam sido Lívio Andrônico e Ênio, e que eles teriam tido como ofício propor a interpretação de alguns poemas já escritos em latim, ou os seus próprios⁹. Antes de Suetônio, Quintiliano, na *Institutio oratoria* (I, 4, 2), havia também definido como campo de investigação da gramática, “a arte de falar corretamente e a explicação dos poetas” (*recte loquendi scientiam et poetarum enarratio*), o que pressupõe, por um lado, uma preocupação com a *Latinitas* – a norma de linguagem ligada ao contexto de formação do orador a que se destinava a obra (FORTES, 2012a) – e, por outro, o esforço didático de explicar os textos literários.

Nesse sentido, historicamente, desde a sua origem em Roma, a tradição gramatical latina, representou o gênero literário que contribuiu para a cultura de leitura dos textos literários canônicos, garantindo, ao mesmo tempo, a prática de leitura dessas obras na posteridade (GUERRERA, 1997, p. 784), principalmente dos escritos poéticos. Assim, no século IV d.C., podemos dizer que o gramático (*grammaticus*) ainda representava um *poetarum interpres* (intérprete dos poetas) (CANTÓ, 1997, p. 741; FORTES, 2012b). Das antigas funções herdadas da filologia alexandrina a eles atribuídas, que incluíam até mesmo o cuidado material com os textos (a preservação, cópia, edição etc.), os gramáticos mantiveram particularmente o ofício de realizarem uma certa “crítica literária”, fornecendo explicações sobre a história do texto, o sentido das palavras, como se deveria ler e interpretar etc. (LAW, 1987 [1986], p. 367).

Dessa forma, mesmo após séculos da introdução da prática gramatical em Roma, a escola do *grammaticus* na Antiguidade Tardia não deveria ter se alterado na sua essência, uma vez que os

⁹ Suetônio diz: “A gramática em Roma não estava sequer em uso outrora, nem em apreço nenhum, cidade ainda então rude e ademais belicosa, e que ainda não tinha muito tempo, bem entendido, para as disciplinas liberais. Também o início dela se mostrou modesto, se é que os mais antigos dos docentes, que eram eles mesmos tanto poetas como semigregos – falo de Lívio e Ênio, que, sabe-se, em casa e fora ensinaram em ambas as línguas –, nada mais faziam que traduzir os gregos ou, se algo eles mesmos tivessem composto em latim, lecioná[-lo]. Pois, quanto àquilo que não poucos contam: que foram editados por Ênio dois livros sobre as letras e sílabas, bem como sobre os metros.” (Tradução de Martinho, 2014, p. 242).

estudos gramaticais – seja na pena de Donato ou de outro gramático tardio, como o próprio Agostinho – continuavam a ser uma etapa preparatória às práticas de linguagem mais avançadas, principalmente no campo da retórica (MARROU, 1975), treinamento que se fundamentava na leitura e no comentário dos textos literários canônicos, entre os quais, em especial, Virgílio. O domínio estritamente escolar parece ter se alterado pouco ou quase nada, porém, os textos analisados de um período ao outro nem sempre se mantiveram os mesmos (CHIN, 2008, p. 22).

No entanto, com a ascensão e consolidação do Cristianismo enquanto movimento social (SWAIN; EDWARDS, 2004, p. 86; CAMERON, 1993), seria de se esperar que o conteúdo literário “pagão” cedesse paulatinamente espaço para novas formulações literárias, oriundas do repertório cristão. Nesse sentido, Law (1987 [1986]) argumenta que:

as gramáticas da Antiguidade Tardia foram preparadas para um contexto cultural específico e, como todo material pedagógico, fazem inúmeras suposições sobre o conhecimento pretérito e as ambições de seus usuários. A educação no Império Romano estava focada na aquisição de habilidades linguísticas, principalmente através de um estudo minucioso de obras literárias. O cânon de textos prescritos, os clássicos de sua época, era atualizado de tempos em tempos: Virgílio, Terêncio, Cícero e Salústio ganharam destaque no terceiro século, substituindo anteriores autores da época da República; no final do quarto século, se juntaram a eles: Lucano, Estácio e Juvenal (WESSNER, 1929) ... Com o progresso dos séculos quinto e sexto, os valores culturais antigos deram lugar ao novo ideal religioso do Cristianismo e o conteúdo tradicional da educação começou a perder relevância.¹⁰ (LAW, 1987 [1986], p. 366-367).

A “perda de relevância” dos valores culturais antigos parece ter ocorrido, é verdade, por meio da inusitada presença de personagens, exemplos e frases oriundas da *Bíblia* que, como veremos na sequência, seriam doravante encontradas nas gramáticas “cristãs”, entre as quais, a *Ars breuiata*. No entanto, essa mudança não se faz sentir de forma súbita ou sem qualquer conflito, justamente porque representa uma alteração substancial em uma tradição discursiva – a gramática – para a qual os valores tradicionais, ligados à *auctoritas*, representava um de seus pilares. Com efeito, de acordo com Vainio (2000, p. 41):

¹⁰ Cf. “The grammars of the late Antiquity were designed for a specific cultural context and, like all pedagogical material, make numerous assumptions about background and ambitions of their users. Education in the Roman Empire focused in the acquisition of language skills, largely through close study of literary works. The canon of ‘prescribed texts’ the classics of their day, was update from time to time: Vergil, Terence, Cicero, and Sallust came to prominence in the third century, replacing earlier Republican authors; at the end of the fourth century they were joined by Lucan, Statius, and Juvenal (WESSNER, 1929) ... As the fifth and sixth centuries progressed, old cultural values gave way to new religious ideals of Christianity, and the traditional content of education began to lose its relevance.”

Em geral, além do dado linguístico... pode haver outros motivos para a escolha de um novo exemplo. Um é a introdução de novos livros didáticos. Como afirmado anteriormente, Virgílio substituiu Ênio e, posteriormente, um terceiro estágio pode ser visto nos escritores cristãos, que têm exemplos extraídos da Bíblia. Essa substituição de exemplos cristãos no lugar dos pagãos aconteceu gradualmente; alguns nomes bíblicos e palavras que se referem a um contexto cristão encontraram seu caminho nas gramáticas (como, por exemplo, em Prisc. GL 2, 148, 9-10), mas as frases virgilianas não eram muito propensas a serem substituídas. Nas obras gramaticais de Santo Agostinho (falecido em 430), já existem alguns exemplos que apontam para um contexto cristão, mas a maioria das frases ainda são derivadas de Virgílio.¹¹ (VAINIO, 2000, p. 41).

A reflexão apresentada pelo pesquisador aponta para a *démarche* pedagógica que Agostinho efetivamente parece iniciar em sua gramática: o de apreciar a coexistência de dois cânones literários no âmbito da mesma *ars grammatica*, como etapa de um processo que, séculos mais tarde, culminaria com a substituição dos *exempla* da literatura latina pagã pelos *exempla* oriundos dos textos bíblicos. Os signos do confronto entre essas duas tradições podem ser verificados em duas passagens da obra de Agostinho – uma na conhecida passagem das *Confissões* e outra em duas observações quase laterais do *Contra os Acadêmicos*.

No livro I das *Confissões* (I, 13, 20), Agostinho revela uma reação aos conteúdos tradicionais costumeiramente tratados no ensino da gramática, ao relatar-nos que, embora, em sua infância, ele próprio tivesse se deleitado com o conteúdo do ensinamento gramatical, justamente em virtude dos temas da literatura clássica, a sua nova postura ética na vida exigiria fazer uma espécie de *mea culpa*, assumindo que somente as habilidades técnicas do “ler” e do “escrever” teriam sido realmente necessárias, de forma que, para além do desenvolvimento da leitura e da escrita, melhor seria não ter se estendido na leitura de textos “pagãos”:

aquelas primeiras letras, a que devia e devo a possibilidade de não só ler qualquer escrito, mas também de escrever o que me aprouver, eram sem dúvida mais úteis e mais certas do que aquelas em que, esquecido dos meus erros, era obrigado a gravar na memória as navegações errantes de um certo Enéias e a chorar Dido, que se suicidara por amor.¹² (AGOSTINHO, *Conf.*, I, 13, 20).

¹¹ Cf. “Generally speaking, besides linguistic ... there can be other reasons for choosing a new example. One is the introduction of new textbooks. As stated earlier, Virgil replaced Ennius, and later a third stage can be seen in Christian writers, who have examples drawn from the Bible. This substitution of Christian examples for pagan ones happened gradually; some Biblical names and words referring to a Christian context found their way into grammars (as e.g. in Prisc. GL 2, 148, 9-10) but the Virgilian phrases were not very prone to be replaced. In the grammatical works of St Augustine (d. 430) there already are some instances which point to a Christian context but the majority of the phrases are still derived from Virgil”.

¹² Tradução de Santos & Pina (1996, p. 51).

Nesse trecho, se Agostinho reconhece, por um lado, a importância e a necessidade de se conhecer a gramática – ao menos em sua primeira abordagem instrumental, a *grammátística*¹³ –, por outro lado, ele também aproveita para dizer que o discurso da poesia de Virgílio, até então guardião espiritual da cultura de Roma, não lhe servia mais para muita coisa. Por esse motivo, Agostinho confessa que o *magister ludi* / *grammatista* teria tido um papel muito mais relevante em sua formação do que aquele ocupado pelo *grammaticus* propriamente dito, uma vez que o primeiro lhe ensinou a ler e escrever e este apenas lhe deu acesso ao conhecimento das “navegações” e dos “lamentos” de Eneias e Dido.

Um segundo exemplo presente na obra de Agostinho permite-nos, entretanto, um contraponto a essa aparente condenação da literatura clássica, representando, por isso, também signo dessa crise de valores testemunhada na gramática cristã. No seu *Contra os Acadêmicos*, obra que Agostinho teria escrito entre 386 e 387, em seu retiro em Cassiciaco, e que, de forma ampla, versa sobre o papel da filosofia como um modo de vida propedêutico para a vida cristã, Agostinho coloca em cena jovens personagens que, sob a supervisão do mestre (Agostinho), discutem sobre temas filosóficos. Nessa obra, não somente os autores clássicos são constantemente evocados nas

¹³ Suetônio (*De grammaticis*, I, 4): "A designação de *grammatici* [“gramáticos”] prevaleceu pelo costume grego, mas no início eram chamados [em latim] *litterati* [“letrados”]. Também Cornélio Neto, no livrinho em que distingue *litteratus* [“letrado”] de *eruditus* [“erudito”], afirma que vulgarmente, na verdade, são designados *litterati* [“letrados”] os que podem ou dizer ou escrever algo com cuidado e com agudeza e ciência; por outro lado, que propriamente é para designar assim os intérpretes dos poetas, que são nomeados *grammatikoi* [“gramáticos”] pelos gregos (fig. Funaioli, p. 410). Messala Corvino revela em certa epístola que esses mesmos foram frequentemente chamados *litteratores* [“letradores”], ao dizer que ele nada tem que ver com Fúrio Bibáculo, nem tampouco com Tícidas ou com o letrador Catão – alude, sim, indubitavelmente, a Valério Catão, conhecidíssimo poeta e ao mesmo tempo gramático – (fig. Funaioli, p. 506-7). Há os que distingam *litteratus* [“literato”] de *litterator* [“letrador”], como os gregos [distinguem] *grammatikós* [“gramático”] de *grammatistés* [“gramatista”] e aquele, na verdade, têm na conta de absolutamente douto, este, de modestamente. A opinião de tais Orbílio confirma-a ainda com exemplos. Pois, de fato, afirma que, entre os antepassados, quando a famulagem de alguém era posta à venda, não sem mais soíam inscrever *litteratus* [“letrado”] na placa de um, mas *litterator* [“letrador”], como que não perfeito nas letras, mas imbuído [nelas] (fig. Funaioli, p. 135).” (Tradução de Martinho, 2014, p. 243-244). O tópico e a distinção entre os nomes e os conteúdos de cada estágio escolar também recebeu a atenção de Agostinho em seu diálogo: *De ordine* (II, xii, 35): “Com aquelas duas partições, nasceu a profissão dos livreiros [dos copistas] e do calculador [dos aritméticos], como que uma certa infância da gramática, a que Varrão chama *litteratio* (aprendizado da escrita); em grego, no entanto, chama-se de um modo que não me recordo adequadamente no momento.” [cf. *Quibus duobus repertis, nata est illa libroriorum et calculorum professio velut quaedam grammaticae infantia, quam Varro litterationem vocat; Grece autem quomodo, non satis in praesentia recole.*]. A palavra grega a que Agostinho se refere é γραμματιστική como documenta Martiano Capella (*De nuptiis Philologiae et Mercurii*, III, 229 - *liber de grammatica*). Por meio das considerações de Kaster (1983, p. 323) é possível observar com um pouco mais de detalhes a questão: “The standard histories of ancient education teach us that a student pursuing a full course of literary instruction typically passed through three stages of schooling and attribute to each stage its own teacher and discrete curriculum: the ‘primary’ school (γραμματοδιδασκαλειον / *ludus* [*litterarius*]), overseen by the ‘primary teacher’ (γραμματοδιδάσκαλος / γραμματιστής / *magister ludi* / *litterator*), where one learned ‘letters’ – the elements of reading and writing – and some arithmetic; the ‘secondary’ or ‘grammar’ school, where one received thorough and systematic instruction in language and literature, especially poetry, under the grammarian (γραμματικός / *grammaticus*); and the school of rhetoric.”

argumentações (como Cícero, *Hortensius*, fr. 101, citado em I,iii,7; ou Virgílio, *Eneida* I, 401, citado em I,v,14), mas os próprios personagens lançam mão da leitura dos clássicos como prática isenta de qualquer crítica naquele contexto:

Então, como a noite já impedia escrever e vendo que novamente surgia um grande problema, transferi a discussão para o outro dia. Efetivamente, tínhamos começado a disputa quando o sol já se estava declinando, depois de termos passado quase o dia inteiro no trato de tarefas do campo e no estudo do primeiro livro de Virgílio.¹⁴ (AGOSTINHO, *Acad.*, I, v, 15).

Mais que não evidenciar qualquer censura seja ao recurso aos argumentos dos autores clássicos, seja à prática de leitura de uma obra pagã – a *Eneida* de Virgílio – o comentário, aparentemente lateral no contexto, torna patente que a leitura da poesia precedia a reflexão filosófica, o que sugere que continuava a ter um papel propedêutico para reflexões mais avançadas.

Por outro lado, na mesma obra (II, iv, 7), Agostinho tece uma fina crítica – que pode ser lida na chave da ironia – à “paixão” que um dos personagens, Licêncio, demonstra pela poesia:

Em nossa volta, encontramos Licêncio, cuja sede nem Helicon poderia matar, todo ocupado em compor versos. Quase no meio da refeição, que todavia foi tão rápida que mal começou já terminou, saiu despercebidamente sem nada beber. Disse-lhe eu:

– Desejo que enfim possuas plenamente a arte poética que tanto desejas, não que esta perfeição me agrade muito, mas vejo que é tamanho o teu ardor que só a saciedade poderá libertar-te dessa paixão, o que costuma acontecer depois da perfeição. Além disso, como tens uma bela voz, eu preferiria ouvir-te declamar os teus versos a ouvir-te cantar, como aves presas em gaiolas, as palavras das tragédias gregas que não compreendes.¹⁵ (AGOSTINHO, *Acad.* II, iv, 7).

Esses exemplos mostram que, se não havia, efetivamente, uma interdição à leitura e ao cultivo dos textos literários “pagãos”, essa prática era, ao menos, uma questão a ser considerada, não acima de críticas como parecia ser até então. No próximo item, mostraremos como os sinais dessa crise entre dois universos culturais refletem-se na constituição do pensamento gramatical agostiniano configurado na *Ars breuiata*.

2 *Ars breuiata*: uma gramática com *exempla* híbridos

A *Ars breuiata* representa também um testemunho dessa crise de Agostinho com relação ao uso dos temas literários pagãos no campo das atividades gramaticais, conforme delineamos na

¹⁴ Tradução de Belmonte (2008, p. 58-59).

¹⁵ Tradução de Belmonte (2008, p. 106).

seção anterior. Com efeito, nesse tratado, percebe-se uma tentativa de apresentar uma preocupação didática, focalizando praticamente apenas os conteúdos gramaticais, deixando de lado a utilização de exemplos em favor de um aprendizado mais ligado à estrutura e aos paradigmas da língua latina. Além disso, a partir dos poucos *exempla* apresentados, revela-se que não se lançavam mão exclusivamente, de exemplos tirados de textos de autores pagãos como, por exemplo, da *Eneida* de Virgílio, ou mesmo de Cícero. A esse respeito, informa-nos Law (2005 [1990], p. 434) que essa tendência seria, de certo modo, racionalizada por gramáticos posteriores:

os exemplos da literatura clássica usados pelos antigos gramáticos foram divididos em maior ou menor grau por diferentes mestres: alguns, como Bonifácio (por volta de 675-754 d.C.), não viam objeção em usar pequenos excertos da *Eneida* ao lado dos versículos da *Bíblia*, enquanto outros, como Aspório (600 d.C.), foi mais longe ao substituir *Roma* e *Tibre* de Donato por *Jordão* e *Jerusalém*.¹⁶ (LAW, 2005 [1990], p. 434).

Nesse sentido, a própria *Ars Maior* de Donato – considerada desde sempre como o modelo mais difundido dentre as *artes* – sofreu face a essa nova preocupação “ideológica”: não foram poupadas as suas citações e referências extraídas do mundo clássico, paulatinamente substituídas por equivalentes cristãos. Mesmo tendo sido mestre de São Jerônimo – fato que talvez lhe tenha poupado das perseguições de Juliano (HOLTZ, 1981, p. 16)¹⁷ – a sua gramática precisou, portanto, ser adaptada para não ferir a nova sensibilidade cristã. Nesse sentido, é possível admitir que não tenha existido nenhum autor do gênero gramatical que fosse genuinamente cristão, a não ser o próprio Agostinho no século IV d.C. Após Agostinho, só temos textos gramaticais propriamente cristãos com a obra de Cassiodoro (séc. VI d.C.), Isidoro de Sevilha (séc. VI d.C.) e Beda, o Venerável (séc. VII d.C.).¹⁸

¹⁶ Cf. Law (2005 [1990], p. 434): “The examples from Classical literature used by ancient grammarians were replaced to a greater or lesser degree by different teachers: some, like Boniface (c. 675–754), saw no objection to using short extracts from the Aeneid next to verses from the Bible, whilst others, like Asporius (c. 600), went so far as to replace Donatus’s ‘Rome’ and ‘Tiber’ with ‘Jerusalem’ and ‘Jordan’.”

¹⁷ Segundo Holtz (1981), Jerônimo, além de ter sido discípulo de Donato, provavelmente teve a expectativa de ter Mário Vitorino como seu mestre de retórica, fato que teria sido impedido por uma conjuntura histórica: o movimento de Juliano contra os professores cristãos, o que teria, definitivamente, afastado Mário Vitorino de suas atividades docentes. Há ainda duas outras referências a Donato na obra de Jerônimo: *Apologia aduersus libros Rufini* (1.16) e *Commentarius in Ecclesiasten* (1.9-10). Das três referências, Mário Vitorino é também citado em duas (*Chronicon* e *Apologia aduersus Rufini*).

¹⁸ Swiggers (1992, p. 78): “On doit à Saint-Augustin une première tentative de codification grammaticale (*Ars pro fratrum mediocritate breuiata*), qui suit de près les traités de Donat. Après lui, trois savants et polygraphes chrétiens élaboreront des synopses grammaticales destinées au premier niveau de l’enseignement grammatical : Cassiodore (*De orthographia et De oratione et Octo partibus orationis*), Isidore de Séville (*Etymologiae*, I. 1: *De grammatica*) et Bède le Vénérable (*De orthographia, De arte metrica et De schematibus et tropis*).”

Nesse sentido, dos cinco *exempla* citados por Agostinho em sua *Ars breuiata*, quatro são de Virgílio e um é do apóstolo Paulo¹⁹. Levando-se em conta que, como destaca Chin (2005, p. 173), “uma das tarefas da *Ars grammatica* era remover os signos verbais de seu contexto significativo original tanto na escrita quanto na linguagem falada e reconfigurá-los como sinais de regularidades linguísticas”²⁰, pode-se também concluir que, fora de seu contexto literário, os exemplos citados – no caso de Agostinho, já muito poucos, como constatamos – eram, de certo modo, esvaziados de seus sentidos originais, à luz do propósito de destacar a regularidade linguística (*analogia*), ecoando muito pouco a rede de significados contida na malha textual de onde foram extraídos. Em que pese isso, a mera nomeação do autor em questão – se Virgílio ou Paulo, no caso – não deixa de ter um valor simbólico que não era indiferente aos leitores/usuários desse texto gramatical.

Dos quatro exemplos de Virgílio mencionados por Agostinho da *Ars breuiata*, dois são empregados em paralelo com *ficta exempla* (exemplos fictícios) criados por Agostinho para explicar um fenômeno linguístico. Ou seja, em nenhum deles há uma explicação que ultrapassa o escopo gramatical, como podemos observar no seguinte trecho:

¹⁹ Contabiliza-se, ao todo, um exemplo da Bíblia (I Cor 13, 13) e quatro da *Eneida* (I, 96-97; I, 750; I, 753; XI, 459-460, que são respectivamente: *O Danaum fortissime gentis/Tydide!* ("Ó tu, valente, Tidida, o mais forte dos filhos de Dânao!"). *Immo age et a prima dic, hospes, origine nobis / insidias* ('Hóspede', fala-me, 'conta-nos tudo por ordem, do início'). *multa super Priamo rogitans* ("muito inquirido a respeito de Príamo"). *Immo, ait, "o ciues" arrepto tempore Turnus* ("Aproveitando a ocasião falou Turno"). Todas as traduções da *Eneida* são de Carlos Alberto Nunes (2014, p. 131; p. 759). É possível, ainda que em caráter ilustrativo e não exaustivo, traçar um paralelo entre os *exempla* da *Eneida* presentes na *Ars breuiata* e na *Ars grammatica* de Dositeu. Em Dositeu (ed. BONNET, 2005 = B / Dositeu = D), encontra-se 5 *exempla* das *Eclógas* de Virgílio, 8 das *Geórgicas* e 70 da *Eneida*. Com relação aos *exempla* da *Eneida*, dois são os mesmos que Agostinho cita, isto é, *Aen. I, 96-97 26D/51B*; *I, 750 49D/81B*. Há duas peculiaridades nesse exemplo, o primeiro diz respeito ao fato de que em ambas gramáticas os exemplos da *Eneida* são usados para explicar o mesmo tópico gramatical, que são respectivamente um relativo às declinações dos nomes ao realizar o processo de comparação, e uma referindo-se ao processo de comutação entre as preposições *super* e *de*. O segundo dado, não menos pertinente deste exame comparativo, ancora-se em uma espécie de "equivoco", que deriva unicamente de uma referência inexata entre os versos I, 750 e I, 754. Esse último verso não está presente na composição do texto da *Ars breuiata* produzida por Agostinho. O aspecto intrigante desse "detalhe" chama a atenção, pois tanto a *Ars Dosithei* (2005) quanto a *Ars breuiata* (2013) foram editadas, traduzidas e comentadas por G. Bonnet na série de textos latinos da Les Belles Lettres. Mas em que pese tal aspecto, o que Bonnet (2013, p. 84), com relação ao verso (I, 750), comenta tem uma implicação aguda para o entendimento dos saberes gramaticais na Antiguidade Tardia, pois, por meio desse *exemplum*, é possível observar: “[esta] restrição clássica, e sempre acompanhada por este exemplo clássico (*Aen. I 750*) que justifica a presença no discurso gramatical.” [cf. “restriction classique, et toujours accompagnée de cet exemple classique (*Aen. I 750*) qui en justifie la présence dans le discours grammatical.”]. Vê-se, nesse ponto, a integração entre os domínios da gramática e da poética.

²⁰ Cf. “There is a further sense, however, in which grammatical writing in Late Antiquity served as a forum of dislocation and of decontextualization. One of the tasks of the ‘*ars grammatica*’ was to remove verbal signs from their original signifying contexts in both written texts and spoken language, and to reconfigure them as signs of linguistic regularity.” (“Há mais um sentido, no entanto, em que trabalho gramatical na Antiguidade Tardia serviu como um fórum de deslocamento e de descontextualização. Uma das tarefas da *Ars grammatica* era remover os signos verbais de seu contexto significativo original tanto na escrita quanto na linguagem falada e reconfigurá-los como sinais de regularidades linguísticas.”).

Mas há muitas conjunções sobre as quais os gramáticos diligentemente discutem para defini-las nestas cinco categorias, ou se outras diferenças lhes devem ser acrescentadas. Tal disputa, porque longa e difícil de ser resolvida, deve ser tomada de forma breve no que tange às conjunções. Assim, quando lermos os homens digníssimos quanto à autoridade do falar, observemos, também, em que lugar e em qual sentença costumam ser empregadas as conjunções, a fim de que possamos usá-las conforme o costume da boa inteligência. De fato, se alguém pergunta o que seja *immo*, não responderia facilmente como podemos defini-la ou interpretá-la, sendo preferível, portanto, apresentar muitas sentenças nas quais ela está empregada. Admiro, de certo modo, que insinuemos que tenha este ou aquele significado, também com algum gesto na declamação, como é o caso de *immo ait o ciues arrepto tempore Turnus cogite concilium et immo age et a prima dic hospes origine nobis*¹⁹⁰. É vantajoso acrescentar ainda, também expressões que formamos: *immo tu uade qui cogis alium, immo adde rationi qui detrahere studes*. É próximo do sentido dessa conjunção, de todo modo, quando dizemos *potius* [principalmente]. Conforme eu disse, deve-se não somente ir aos livros, como a eles retornar.²¹ (AGOSTINHO, *Ars br.*, I, 90 – grifo nosso).

Nessa passagem, Agostinho se preocupa com o uso da conjunção na sentença. O gramático lança mão de evidências no uso linguístico – as citações virgilianas – para dar conta de uma dificuldade de explicação puramente “teórica”: a interpretação ou a definição do valor das conjunções é dependente do contexto de uso delas, do que decorre a necessidade de olhar para o modo como elas são empregadas. É como se a citação de Virgílio (ou de outro autor qualquer) se impusesse pela exigência própria ligada ao conceito linguístico em questão; para o que seria irrelevante o contexto discursivo e literário da passagem em questão. De resto, Agostinho não acrescenta quaisquer elementos interpretativos em relação aos *exempla* no contexto em que elas aparecem. Embora sejam citações que os estudantes facilmente recuperariam de memória, por se tratar da *Eneida*, o fato é que nem mesmo o nome de Virgílio ou de sua obra são textualmente citados na passagem.

Além disso, o destaque da citação virgiliana – certamente evidente, em uma obra tão escassa de outros elementos empíricos da língua latina – é, de certo modo, ofuscada. Com efeito, logo após

²¹ Cf. *Sed multae omnino coniunctiones sunt, de quibus diligenter grammatici deliberant, quo istorum quinque nominum eas uocent, uel utrum aliae differentiae sint adiciendae. Quam litem quia et longum et difficile est soluere, illud de coniunctionibus breue praeceptum sit, ut cum legimus uiros locutionis auctoritate dignissimos, aduertamus quoque quo loco et in qua sententia poni soleant, ut consuetudine intellegendi bene coniunctionibus uti possimus. Nam si quis quaerat quid sit immo, non facile dixerim quomodo ei uel definire uel interpretari hanc coniunctionem possimus: proferendo ergo multas sententias, in quibus posita est, miro quodam modo quid ualeat insinuamus cum quodam etiam gestu pronuntiandi, ut est <<immo, ait, o ciues, arrepto tempore Turnus, cogite concilium >> et <<immo age et a prima dic, hospes origine nobis>>, nostrasque sententias ad tempus fictas adiungere utile est: <<immo tu uade qui cogis alium>>, <<immo adeo rationi qui detrahere studes>>. Huic autem coniunctioni utcumque uicinum est cum dicimus potius; et adeo et ad libros, ut dixi, redeundum est.* A edição da *Ars breuiata* é a de Bonnet (2013).

Agostinho apresentar as citações, ele apresenta, em ato contínuo, dois *ficta exempla* (exemplos fictícios) ou, nos próprios termos de Agostinho, duas *fictae sententiae* (sentenças fictícias). Assim, os exemplos poéticos estão dispostos ao lado de exemplos “inventados” pelo gramático. Embora sejam mencionados os termos “autoridade” (*auctoritas*) e “uso” (*consuetudo*), que apontam, de certo modo, para as construções referendadas na língua pelo uso ou pela sua ocorrência em autores consagrados, entre os quais, evidentemente, Virgílio, muito pouco se explora dessa dimensão na gramática de Agostinho.²²

Ao se voltar para um exemplo retirado do contexto eclesiástico, Agostinho, por outro lado, cita e contextualiza o exemplo em questão, aproveitando as lições do próprio texto paulino, o que configura um tratamento bastante diverso àquele oferecido aos seus exemplos “pagãos”. Vejamos o contexto:

Três são os graus da comparação: positivo, como <<*iustus*>>; comparativo, como <<*iustior*>>; e superlativo, como <<*iustissimus*>>. No positivo faz-se uma comparação para mostrar certa igualdade. Como quando dizemos: <<*tam est hic iustus quam ille*>>, e, por isso, rege o caso nominativo. No comparativo, porém, e no superlativo, não há igualdade, mas um elemento se sobrepõe aos demais, de modo que o comparativo reja o caso ablativo. Outras vezes, porém, rege o genitivo plural. Como quando, de três bispos, interrogamos, querendo conhecer aquele que é superior aos três: <<*quis illorum prior est?*>> Se, porém, dissermos: <<*quis illis prior est?*>> Parece nos perguntar qual é a quarta pessoa superior àqueles três. **Donde, também quando o apóstolo Paulo afirmava: <<*manet autem fides spes caritas tria haec*>>, uma vez que a caridade entre as três já tinha sido enumerada, disse: <<*maior autem horum caritas*>>. Por exemplo, se ele dissesse: *maior autem his caritas*, pareceria introduzir outra caridade, como se fosse uma quarta coisa, que seria anteposta às três enumeradas, isto é, à fé, à esperança e à caridade. Alguns, menos capazes intelectualmente, emendaram em um tanto de códices <<*maior autem his est caritas*>> – já que dizemos <<*iustior hic illo*>>; do mesmo modo que dizemos com nominativo, <<*iustior hic quam ille*>>. Além disso, há comparação não somente entre termos da mesma espécie, como <<*uelocior homo homine*>>, mas também de espécies diferentes, como <<*uelocior lepus homine*>>; tanto se compara um nome no singular a um no plural como <<*hic fortior est illis*>> ou <<*fortior est quam illi*>>, quanto um nome no plural a um no singular, como <<*hi fortiores illo*>> ou <<*quam ille*>>. De resto, o superlativo somente a nomes de sua espécie é comparado e somente por meio do genitivo plural. Com efeito, não podemos dizer <<*uelocissimus equus*>>, a não ser que seja o mais veloz dos cavalos; ou <<*sapientissimus homo*>>, se não for dos homens e semelhantes. Tanto se compara um nome no singular a outro no plural, como nessas coisas que dissermos, quanto ficam no plural, como <<*fortissimi homines hominum*>>. (AGOSTINHO, *Ars br.*, I, 7 – grifo nosso).**

²² Nessa passagem, podemos também considerar que Agostinho esteja se apoiando nas considerações de Virgílio como forma de demonstrar “bons usos” e “boas construções gramaticais”, o que nos mostra o lado mais eminentemente gramatical dos *exempla* contidos no texto de Agostinho.

Ao citar a *I Carta aos Coríntios*, de Paulo (1 Cor 13, 13), ao mesmo tempo em que esclarece com que tipo de caso cada comparação pode ser feita em latim, Agostinho introduz também a discussão travada por Paulo acerca da caridade (*caritas*). Além disso, o gramático mostra como uma correção malfeita por algum gramático ou copista imperito poderia levar o leitor a uma interpretação equivocada das palavras das *Escrituras*, evidenciando, através desse *exemplum*, a importância dos estudos gramaticais para a correta interpretação bíblica.

Se comparamos esse único exemplo cristão com os outros exemplos de Virgílio, fica notório que esse tem muito mais destaque na *Ars breuiata*. De fato, não somente Paulo tem seu nome registrado com todas as suas letras, quanto também o contexto discursivo é recuperado e aproveitado por Agostinho em um comentário que transcende os limites do tema gramatical em questão (o uso dos casos em construções partitivas). No final desse mesmo trecho, encontra-se, por sua vez, um terceiro exemplo da *Eneida*. No entanto, também aqui, assim como antes, Agostinho nada profere sobre o contexto literário em questão, limitando-se à exemplificação do tópico estudado:

algumas vezes, também segue um genitivo singular, quando o mesmo genitivo, soado no singular, é entendido no plural, como quando dizemos: <<*fortissimus gentis illius*>>, por essa razão ele disse: <<*O Danaum fortissime gentis Tydide*>>. (AGOSTINHO, *Ars br.*, I, 7).

Se, por um lado, como se depreende da passagem, o verso de Virgílio aparece deslocado de seu contexto literário, não sendo digno de qualquer comentário do gramático, por outro lado, o exemplo retirado de Paulo, além ter sido explicado por Agostinho na *Ars breuiata*, é o mesmo que reaparece em outro texto de Agostinho, dessa vez no *De doctrina Christiana* (I, 39, 43), o que sugere que, também por razões que escapam à explicação linguística, o exemplo era de especial importância para Agostinho. Além disso, ao passo que as citações de Virgílio possam representar uma repetição de uma prática artigráfica bastante comum²³, a citação do discurso paulino é contribuição original para o gênero.

²³ A citação dos textos da *Eneida* já havia sido incorporada às *artes grammatae*. anteriores a Agostinho, como, por exemplo, em Quintiliano que menciona e cita Virgílio nestas passagens: I, iv, 28 [*Aen.* VI, 179; X, 1; *Ecl.* I, 11]; I, v, 19 [*Aen.* I, 2; I, 41; I, v, 25 [*Aen.* IV, 254s]; I, v, 27 [*Aen.* I, 1]; I, v, 27 [*Georg.* III, 243]; I, v, 35 [*Ecl.* VI, 62-63; *Georg.* II, 74; I, v, 43 [*Aen.* I, 365; II, 1]; I, v, 61 [menção ao nome de Eneias e Anquises, personagens da epopeia de Virgílio]; I, vi, 2 [*Aen.* XII, 208; *Ecl.* III, 69; I, 15]; I, vii, 18 [*Aen.* IX, 26; VII, 464]; *I, viii, 5 - nesse ponto, Quintiliano destaca, ao falar sobre a leitura, bem como da poética e de seus metros, que é preciso começar por Homero e Virgílio (cf. *Ideoque optime institutum est ut ab Homero atque Vergilio lectio inciperet...* "Por isso, muito a propósito se determinou que a leitura se iniciasse com Homero e Virgílio..." Tradução de Pereira, 2006 (p. 175)). Quintiliano é o único autor, cujas citações de Virgílio apresentamos integralmente, pois os *exempla* não são muitos, como é o caso de Sacerdos, que

Vejam os:

Por tudo isso, diz o Apóstolo: "Agora permanecem fé, esperança e caridade, estas três coisas. A maior delas, porém, é a caridade" (Cor 13,13), pois, ao chegar cada um à vida eterna, cessarão a fé e a esperança, permanecendo a caridade, mais ardente e segura.²⁴ (AGOSTINHO, *DDC.*, I, 39,43).

Assim, por meio da mesma citação, nas duas obras, Agostinho trata de três temas: um relativo ao uso dos casos latinos; outro relativo a uma das atribuições do gramático – a *emendatio* – e das funções da gramática – a correta interpretação – e, finalmente, a interpretação cristã das três virtudes (fé, esperança e caridade).

Nesse sentido, o que o emprego de tais *exempla* nos mostra é que a gramática de Agostinho partilhava de dois mundos diversos, mas ainda não definitivamente apartados do ponto de vista histórico. No entanto, ainda que se note a coexistência de elementos literários da tradição “pagã” e da tradição cristã, o tratamento conferido a ambos não é isento de uma reflexão crítica. Embora ocorra apenas uma única vez em sua *Ars breuiata*, o exemplo cristão tem um peso e uma importância teórica e filosófica muito maior. De todo modo, como sugere Făgărășanu (1997, p. 79),

ao todo cita o poeta latino 213 vezes, sendo 187 derivadas da *Eneida* (RODRIGUES, 2020, p. 78) e de Donato, que segundo Holtz (1981, p. 118-119) menciona a *Eneida* 84 vezes. As citações de Donato e Agostinho da *Eneida* só têm o verso I, 750 em comum. No que se refere à comparação com a *ars grammatica* de Quintiliano não há nenhum *exempla* comum. Carísio, por sua vez, cita *Aen*, I, 96: *GLK* 1 157, 17; *Aen*. I, 750: *GLK* 1 537.10. Ao compararmos também as citações que Agostinho faz em seus diálogos, bem como o que posteriormente passaria a fazer da Bíblia, é possível perceber uma mudança acentuada. Em nenhum dos diálogos Agostinho cita os mesmos versos que citou na *Ars breuiata*. O reflexo das considerações de Agostinho sobre os textos da literatura latina pretérita está intimamente ligado ao seu processo educacional. Brown (2009 [1967], p. 42-43) destaca que “a grande vantagem da educação recebida por Agostinho foi que, dentro dos seus limites estreitos, ela era perfeccionista. O objetivo era ficar à altura da perfeição atemporal de um clássico. Virgílio, para essas pessoas, não apenas ‘jamais cometera um erro, como nunca havia escrito uma linha que não fosse admirável’. Cada palavra, cada construção de frases desses clássicos, portanto, era significativa. O escritor não fazia meramente escrever: ‘tecida’ seu discurso, era um homem que havia ‘pesado o significado exato de cada palavra’. Para avaliar o efeito duradouro de tal educação, basta vermos como Agostinho, quando bispo, iria interpretar a Bíblia, como se tudo nela estivesse ‘dito exatamente como convinha’. Agostinho iria citar seu novo ‘clássico’ cristão 42.816 vezes (amiúde, de memória), escolheria cada palavra a ser escrita em que anotação breve: era um homem que fora ensinado a manobrar com infinita precisão no meio restrito, mas sumamente bem mapeado, de uma antiquíssima tradição.” É preciso, por sua vez, fazer duas considerações com relação ao comentário de Brown. A primeira refere-se ao fato de que o número das citações das passagens da Bíblia feitas por Agostinho ainda permanece a mesma da edição de sua obra de 1967, é possível que haja um número maior de citações. A segunda, ainda que em caráter parcial e ilustrativo, liga-se ao fato de que embora Virgílio tenha sido citado várias vezes em todos os diálogos (*Aeneis* I, 1: *mus.* II, ii, 2; *mus.* III, ii, 3; *mus.* V, iii, 3; *mus.* V, vi, 11; *mus.* V, viii, 16; *mus.* V, x, 21; *mus.* V, xi, 23; V, xii, 26; I, 1-4: *mus.* V, v, 9; I, 1-7: *mus.* V, iii, 3; I, 401: *Acad.* I, v, 14; I, 745-746: *ord.* II, xi, 34; II, 106: *Acad.* III, xiv, 30; II, 659: *mag.* ii, 3; *mag.* vii, 19; III, 88-89: *ord.* I, iv, 10; III, 549: *mus.* V, iii, 3; *mus.* V, iv, 8; VII, 586: *ord.* II, xx, 54; VII, 441: *Acad.* II, ix, 22; X, 875-876: *ord.* I, iv, 10; XI, 424: *Acad.* II, vii, 18; XI, 785-788: *ord.* I, iv, 10; XII, 687: *an. quant.* xvii, 30; *Eclogae* 3, 104-107: *Acad.* III, iv, 9; 9,32: *an. quant.* xxiii, 41; *Georgica* I, 100: *ord.* II, v, 15; II, 460: *an. quant.* xvii, 30; II, 481-482: *ord.* II, xi, 34; II, 507: *ord.* II, v, 14; III, 316: *mus.* I, iv, 8.) é possível fazer um mapeamento mais bem circunscrito. Além de Virgílio, Agostinho cita também outros poetas como Horácio, Terêncio, Catulo, Pérsio, Pacúvio entre outros.

²⁴ Tradução de Oliveira (2002, p. 80).

a coexistência dos elementos dos dois mundos talvez possa também ser respondida como uma inflexão ocorrida no próprio percurso intelectual de Agostinho:

Como professor de gramática e de retórica Santo Agostinho foi submetido a esta mudança de foco em si mesmo, e os resultados podem ser vistos em seus trabalhos: a *Ars breuiata*, por exemplo, gramática que ele escreveu enquanto se preparava para o batismo (386/387), contém elementos cristãos, coexistindo com o tom geral secular²⁵. (FĂGĂRĂȘANU, 1997, p. 79).

Conclusão

Através de um exame da *Ars breuiata*, de Agostinho, contextualizamos essa obra no contexto de disputa ideológica entre a tradição gramatical clássica e o pensamento cristão, evidenciando uma das consequências desse debate para o gênero gramatical latino – o uso e a aplicação de *exempla*. Vimos que, no âmbito da obra de Agostinho, o recurso à tradição literária clássica é posto em debate – não há propriamente uma contestação absoluta, do que atesta a continuidade de citações clássicas em todo o *corpus Augustinianum*, mas há uma questão que é levantada, do que dão mostras diversos comentários, entre os quais os que citamos nas *Confissões* e no *Contra os Acadêmicos*. Do mesmo modo, em sua obra gramatical – a *Ars breuiata* – essa questão vem à tona, reforçada por uma razão própria do gênero: a *ars grammatica* era, por definição (cf. Quintiliano) e por tradição, o estudo propedêutico para a leitura do legado literário clássico. Em seu bojo, essa relação com a tradição poética se materializava, particularmente, nas citações e *exempla* oriundos de Virgílio, Cícero, Salústio, Terêncio, entre outros autores de um cânone, de resto, em constante evolução.

À primeira vista, a solução parece ser o emprego comedido de exemplos em sua gramática. Com efeito, no corpo da *ars*, há apenas cinco citações literárias, das quais quatro são de Virgílio e uma é da *I Carta aos Coríntios*, de Paulo. O fato de Agostinho ser econômico em suas citações também parece sugerir um esforço de tornar o discurso gramatical o mais isento possível de qualquer ressonância simbólica que poderiam conferir as remissões a autores clássicos. Vimos que, embora seja apenas um, o exemplo retirado de Paulo (1 Cor 13, 13), citado na *Ars breuiata*, destaca-se entre os demais. Não somente porque, conforme vimos, a ele Agostinho confere uma interpretação (ainda que ligeira, mas que, em todo caso, configura procedimento *sui generis* no

²⁵ Cf. “As former grammarian and teacher of rhetoric, St. Augustine underwent this shift of focus himself, and the results can be seen in his work: *Ars breuiata*, for example, the grammar he wrote while preparing for baptism (386/87), contains Christian elements, coexisting with the general secular tone.”

contexto da obra), mas também porque se trata de uma certa inovação autoral – ao lado dos muito conhecidos e repetidos exemplos oriundos de Virgílio, Agostinho aponta um novo nome que talvez pudesse vir a configurar um cânon na posteridade: Paulo.

Referências

AGOSTINHO, St. **Ars (pro fratrum mediocritate) breuiata**. Paris: Ed. Bonnet. Les Belles Lettres, 2013.

AGOSTINHO, St. **A doutrina cristã**. Tradução Nair de Assis Oliveira. São Paulo: Paulus, 2002

AGOSTINHO, St. *Contra Academicos*. In: CATAPANO, G. *et al. Tutti I Dialoghi*. Milano: Bompiani, 2008 [2006].

AGOSTINHO, St. **Confissões**. Tradução de J. Oliveira Santos, S.J., e A. Ambrósio de Pina, S.J. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

AGOSTINHO, St. **Contra os Acadêmicos; A Ordem; A Grandeza da Alma; O Mestre**. Tradução Frei Agostinho Belmonte. São Paulo: Paulus, 2008.

AGOSTINHO, St. *De ordine*. In: CATAPANO, G. *et al. Tutti I Dialoghi*. Milano: Bompiani, 2008 [2006].

CARÍSIO. *Charisii Ars*. In: KEIL, H. (Ed.). **Grammatici Latini**, I, 1-296. Leipzig: Teubner, 1855-1880 [repub. Hildesheim: Olms, 1981].

DOSITEU. *Ars grammatica*. In: BONNET, G. (Ed.). **Dosithée, Grammaire latine**. Paris: Les Belles Lettres, 2005.

SACERDOS. *Sacerdotis ars*. In: KEIL, H. (Ed.). **Grammatici Latini**, VI, 427-546. Leipzig: Teubner, 1855-1880 [repub. Hildesheim: Olms, 1981].

VIRGÍLIO. **Eneida**. edição bilingue. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Organização, apresentação e notas de João Angelo de Oliva Neto. São Paulo: Editora 34, 2014.

Autores Modernos

BERMON, E; BONNET, G. **Abrégé de la grammaire de Saint Augustin**. Paris: Belles Lettres, 2013.

BROWN, P. **Santo Agostinho, uma biografia**. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Record, 2005 [1967].

CAMERON, A. **The Later Roman Empire**. Cambridge, Mass., Harvard: Harvard University Press, 1993.

CANTÓ, J. Los grammatici: críticos literarios, eruditos y comentaristas. In: CODOÑER, C. **Historia de la Literatura Latina**. Madrid: Cátedra, 1997. p. 741-753.

CHIN, C. The Grammarian's Spoils: De Doctrina Christiana and the Contexts of Literary Education. In: POLLMANN, K.; VESSEY, M. (Orgs.). **Augustine and the Disciplines from Cassiciacum to Confessions**. Oxford: Oxford University Press, 2005. p. 167-183.

CHIN, C. **Grammar and Christianity in the Late Roman World**. Pennsylvania: Pennsylvania Press, 2008.

CONTE, G. B. **Latin Literature a History**. Translated by J. B. Solodow. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1999.

FĂGĂRĂȘANU, S. St. Augustine and the Issue of Word Origin. In: LIVINGSTONE, E. (Ed.) **Studia Patristica XXXIII: Papers presented at the Twelfth International Conference on Patristic Studies held in Oxford 1995 (Augustine and his opponents, Jerome, other Latin Fathers after Nicaea, Orientalia)**. Belgium/Leuven: Peeters, 1997. p. 78-82.

FORTES, F. **A construção da língua greco-romana. Apolônio Díscolo e Prisciano na história do pensamento gramatical antigo**. Juiz de Fora: Editora da UFJF, 2019a.

FORTES, F. Uso, variação e norma na tradição gramatical latina. **Signum** – Estudos Linguísticos. v. 15, n. 2, 2012a, p. 197-214.

FORTES, F. *Sermonis custos siue poetarum interpres*: acerca do ofício de gramático em Roma. **Calíope**: presença clássica. vol. 24, 2012b, p. 51-67.

FREITAS, F. **O pensamento gramatical de Santo Agostinho**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, 2016.

GUERREIRA, A. R. Los escritos grammaticales (y la erudición) en el siglo IV. In: CODOÑER, C. **Historia de la Literatura Latina**. Madrid: Cátedra, 1997. p. 783-794.

HOLTZ, L. **Donat et la tradition de l'enseignement grammatical**. Étude sur l'*Ars Donati* et sa diffusion (IVe-IXe siècle) et édition critique. Paris: CNRS, 1981.

KASTER, R. Notes on "Primary" and "Secondary" Schools in Late Antiquity. **Transactions of the American Philological Association**. vol, 113, 1983, p. 323-346. Disponível em: https://scholar.princeton.edu/sites/default/files/1983_tapa_0.pdf Acesso 10 out. 2021.

LAW, V. **The History of Linguistic in Europe from Plato to 1600**. Cambridge: Cambridge University Press, 2003.

LAW, V. Language and its students: the history of Linguistic. In: COLLINGE, N. E. **An Encyclopaedia of Language**. Londres/Nova York: Taylor & Francis, 2005 [1990]. p. 426- 455.

LAW, V. Late Latin Grammars in the Early Middle Ages: A Typological History. In: TAYLOR, D. (ed.). **The History of Linguistics in the Classical Period**. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 1987 [1986 in *Historiographia Linguistica* XIII]. p. 191-206.

LAW, V. ‘St. Augustine’s ‘De Grammatica’: Lost or Found?. **Recherches Augustiniennes et Patritiques**. vol. 19. Brepols, 1984. p. 155-183.

MARTINHO, M. Suetônio, dos gramáticos. **Classica - Revista Brasileira de Estudos Clássicos**. 27(2), 2014, p.231–255. Disponível em: <<https://doi.org/10.24277/classica.v27i2.319>> Acesso em 26 abr. 2021

MARROU, H.-I. **História da educação na Antiguidade**. Tradução de M. L. Casa Nova. 4. ed. São Paulo: MEC, 1975.

MASTRANGELO, M. The Decline of Poetry in the Fourth-Century West. **International Journal of the Classical Tradition**. v. 16, n. 3/4, Set./Dez., 2009, p. 311-329. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/40388967>> Acesso em 10 out. 2021.

McLUHAN, M. **Trivium Clássico: o lugar de Thomas Nashe no Ensino de seu Tempo**. Traduzido por Hugo Langone. São Paulo: Realizações Editora, 2012.

PEREIRA, M. A. **Quintiliano Gramático: o papel do mestre de gramática na *Institutio oratoria***. 2. ed. São Paulo: Humanitas, 2006.

RODRIGUES, F. C. **A *Ars grammatica* de Mário Plócio Sacerdote, a “primeira gramática latina”, e a tradição gramatical do século III**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Juiz de Fora, 2020.

SWAIN, S.; EDWARDS, M. **Approaching Late Antiquity – The transformations from Early to Late Empire**. Oxford: OUP, 2004.

VAINIO, R. Use and Function of Grammatical Examples in Roman Grammarians. **Mnemosyne**, Fourth Series. v. 53, fasc. 1, Fev., 2000, p. 30-48.